

---

# FORMAÇÃO, PRÁTICAS EDUCATIVAS E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: memórias e vestígios de professoras de uma escola pública

Giani Rabelo\*  
Gildo Volpato\*\*  
Maria Dolores Denski\*\*\*

## RESUMO

Este artigo apresenta e problematiza as trajetórias das primeiras professoras de uma escola pública municipal de Criciúma (SC), com destaque à formação para o magistério, bem como as percepções sobre o ensino, os(as) alunos(as) e saberes resultantes da experiência profissional, relacionando tais percepções à construção da identidade docente. Trata-se de uma reconstrução histórica da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Padre José Francisco Bertero”, situada no bairro São Simão, na cidade de Criciúma (SC), que iniciou suas atividades educacionais em 1933. Entre os vestígios encontrados para a reconstrução da história do educandário estavam aqueles preservados na escola, bem como os evocados nas lembranças daqueles(as) que participaram da história do estabelecimento, entre eles(as) três professoras e uma servente. O estudo mostrou que tanto a instituição escolar, como os professores acabam contribuindo na perpetuação de uma condição e de uma identidade docente. Em alguma medida, no nosso ofício de professor, repetimos traços da profissão mais do que reinventamos, porque nossas tarefas acabam por ter que repetir os rituais perenes que dão identidade à escola e à função do professor. Também podemos concluir que muitas das ações dos professores são conduzidas por decisões pessoais, fundamentadas em razões indissociáveis de suas experiências concretas que dão sentido as suas vidas e a sua profissão.

**Palavras-chave:** Formação docente, práticas educativas, identidade docente.

Este artigo apresenta e problematiza as trajetórias profissionais das primeiras professoras de uma escola pública municipal de Criciúma (SC), com destaque a formação para o magistério, bem como as percepções sobre o ensino, os(as) alunos(as) e saberes resultantes da experiência profissional, relacionando tais percepções à construção da identidade docente.

Este estudo nasceu do esforço das(os) pesquisadoras(es) do Grupehme para a elaboração do quarto caderno da série *Cadernos da História da Educação da Rede Municipal de Criciúma*, uma reconstrução histórica da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Padre José Francisco Bertero”, situada no bairro São Simão, na cidade de Criciúma (SC).

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora permanente do PPGE – Mestrado em Educação/Unesc e do Curso de Pedagogia/Unesc. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (Grupehme).

\*\* Doutor em Educação pela Unisinos. Professor permanente do PPGE – Mestrado em Educação/Unesc. Reitor da Unesc. Pesquisador do Grupehme.

\*\*\* Mestranda em Educação no PPGE/Unesc. Professora nos cursos de graduação da UNESC. Pesquisadora do Grupehme.

---

De acordo com o histórico da escola, as primeiras experiências escolares da comunidade foram iniciadas em 1933, em um pequeno espaço de madeira que media 5m x 6m, gentilmente cedido para a escola por um dos primeiros moradores do bairro, o senhor Pascoal Casagrande. As professoras entrevistadas para este estudo, também começaram a lecionar na escola a partir de 1933.

Entre os vestígios encontrados para a reconstrução da história do educandário estavam aqueles preservados na escola, bem como os evocados nas lembranças daqueles(as) que participaram da história do estabelecimento. Encontramos livros de atas, avisos, rendimento escolar, termo de visitas de inspetores, atas de reuniões pedagógicas, mas, principalmente, memórias de ex-professoras/es, ex-alunas(os), ex-funcionárias(os) e demais pessoas ligadas à escola.

A partir de tais fragmentos, compusemos um quadro, sobre as trajetórias de vida pessoal e profissional das(os) primeiras professoras/es da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Padre José Francisco Bertero.”

A importância de se conhecer as trajetórias de vida pessoal e os saberes das experiências dos(as) professores(as) na constituição da docência está no fato de que trajetórias e saberes avultam como instâncias significativas no contexto das discussões acerca do assunto, na medida em que ajudam a melhor compreender e pensar a própria formação e a docência como profissão. Em outras palavras, no estudo das trajetórias de vida pessoal e profissional, é possível encontrar diversos elementos constitutivos tanto da identidade como dos saberes que guiaram as práticas docentes em diferentes contextos.

Apesar de muitas pesquisas terem se ocupado dessas temáticas nas últimas décadas, parece-nos que o tema está longe de se esgotar. Guimarães Rosa, na voz do seu personagem Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, fala que “os caminhos não acabam, pois o sertão é do tamanho do mundo” (1984, p. 152). Também temos consciência de que os caminhos da educação e da formação são intermináveis, pois têm a extensão incomensurável da vida das pessoas. A partir de entrevistas com algumas profissionais que atuaram na escola do São Simão, procuramos dar visibilidade ao trabalho dessas professoras-protagonistas de sua história e, além disso, provocamos uma discussão acerca de como os sujeitos constroem saberes que fundamentam suas práticas.

Pelo tempo de existência, a história da escola municipal Padre José Francisco Bertero está impregnada na vida das pessoas que por ela passaram. Por outro lado, a infinidade de lembranças, carregadas de significados, é o que dá sentido à escola, torna-a real, viva.

Embora os assuntos aqui tratados sejam constitutivos de uma mesma realidade, que se completa e dá sentido ao todo, organizamos o texto da seguinte forma: no primeiro momento,

---

apresentamos algumas das professoras que atuaram na escola, no início da sua fundação em 1933, baseando-nos principalmente nos próprios depoimentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa, o que nos leva a reconhecer que possa haver diferentes olhares e entendimentos sobre a realidade vivenciada. No segundo momento, nosso foco se pautou em dar visibilidade às percepções dos(as) entrevistados(as) sobre o ensino que receberam e/ou protagonizaram e sobre as mudanças de comportamento dos alunos ocorridas ao longo do tempo. Também procuramos evidenciar os saberes resultantes das experiências que ajudaram as professoras a darem respostas aos problemas concretos com que se deparavam no cotidiano da sala de aula, os quais, de alguma maneira, formaram e/ou transformaram a sua identidade.

### **APRESENTANDO AS PROFESSORAS E PROBLEMATIZANDO ASPECTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE**

Num breve levantamento das resoluções que nomearam as(os) primeiras(os) professoras/es, identificamos os nomes de Gabriela Melo (29/04/1941), Carmela Tereza Benedet Casagrande (19/02/1942), Hayde Napolini (21/05/1942) e Laudelina Maria Denoni Magalhães (20/05/1943).

Muitas professoras dedicaram importante tempo de suas vidas à escola de São Simão. Dona Laudelina Maria Denoni Magalhães, que foi aluna e professora dessa escola, disse lembrar que o Pe. Pedro Martinelli foi professor do educandário, e que seu primeiro professor foi o Sr. Edésio Faraco. Ela continuou, afirmando que tinha vontade de ser professora desde a época em que estudava. Foi aluna da Dona Carmela Tereza Benedet Casagrande e se tornou professora graças a ela. Para ela, Dona Carmela “era uma pessoa muito boa e me deu muito apoio, porque, quando eu me formei, surgiu a vaga e ela me mandou chamar para ver se eu queria trabalhar com ela”<sup>1</sup>. Na época, Dona Laudelina tinha em torno de dezoito anos. Tempos depois, ela se casou e foi morar na cidade de Tubarão (SC).

Dona Laudelina, após um tempo de casada, já com os filhos maiores, fez curso de Pedagogia. Sem dúvida, foi muito difícil conciliar casa, trabalho e filhos. Durante um bom período, trabalhava o dia todo em duas escolas e à noite ia à faculdade. Além disso, era dona de casa. Essa tripla jornada, decorrente do fato de ser professora, estudante, dona de casa, mãe e esposa, frequentemente é mencionada em pesquisas autobiográficas. Arroyo traz o depoimento de uma professora de escola pública que assim se pronuncia: “Quando volto cada dia para a escola, carrego livros e cadernos, a aula preparada, as provas corrigidas [...] carrego também os filhos que ficam e os problemas da casa que deixo para trás”. Como diz ainda o mesmo autor,

---

<sup>1</sup> Laudelina Denoni Magalhães, entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso. Criciúma, 12/11/2004.

---

[...] ser professora, professor é um modo de ser. Sabemos que somos professores(as), que não dá para fechar o expediente e esquecer até o dia seguinte. Carregamos tudo da escola para a casa e de casa para a escola. (2000, p. 124).

Entre o início da carreira até a sua diplomação no Curso de Pedagogia, D. Laudelina percorreu uma longa trajetória de formação. Quando começou a lecionar na Escola Municipal Pe. José Francisco Bertero, nomeada em 20/05/1943, conforme a Resolução n. 188, assinada pelo então prefeito de Criciúma Elias Angeloni, ela tinha apenas o Curso Normal Primário, concluído no Grupo Escolar Lapagesse, situado em Criciúma, onde lhe foi concedido o Diploma de Professora Complementarista.

Cabe ressaltar que esse estabelecimento foi um dos primeiros da região sul de Santa Catarina a oferecer ensino público voltado para a formação de professores(as). Foi criado em 15 de agosto de 1932, pelo decreto 261, assinado pelo General Ptolomeu de Assis Brasil, interventor federal. Em 21 de maio de 1933, foi instalada e inaugurada pelo Inspetor Escolar João dos Santos Aivão, no espaço que pertencia à Mitra Diocesana. No ano de 1939, a escola passou a ser denominada Professor Lapagesse, em homenagem ao francês Leon Eugêne Lapagesse, educador e escritor de literatura (TRIBUNA DO DIA, 21/05/2002).

Quanto aos professores e professoras que colaboraram para a sua formação na Escola Estadual Professor Lapagesse, Dona Laudelina recorda-se da professora Zulcema Póvoas Carneiro. De acordo com suas lembranças, as primeiras normalistas que vieram para Criciúma, além de Dona Zulcema, foram Maria José Nunes Castelan e Inês Faraco. Paulo Preis, prefeito de Criciúma no período de 1951-1955, também foi seu professor.

Mais tarde, foi criado, na mesma escola estadual, o Curso Normal Regional “Nicolau Pederneiras”<sup>2</sup>, que formou várias(os) professoras/es regionalistas.

Os eventos de formatura representavam grandes acontecimentos sociais, uma vez que importantes autoridades institucionais se faziam presentes. Tal afirmação fica evidenciada nesta matéria publicada pelo jornal local, anos mais tarde.

As amplas dependências do Cine Teatro Milanez na noite do dia 6 último, serviram de cenário à festa de colação de grau dos esforçados alunos do curso Normal Regional “Nicolau Pederneiras”. Salientando-se tôda a pompa com que se caracterizou a solenidade, esteve a paraninfá-lo o Padre Manoel João Francisco e, presentes à mêsã, como convidados de honra, representantes do Juizado de Direito, Juizado da Junta de

---

<sup>2</sup> “Nicolau Pederneiras” foi representante e mandatário geral da Companhia Colonizadora Metropolitana, única empresa privada do sul do Estado de Santa Catarina, que fundou a colônia de Nova Veneza, gerenciando-a de 1891 até 1894.

---

Conciliação e Julgamento, Promotoria Pública, Prefeitura Municipal, Paróquia, Delegacia de Ensino, Inspetoria Escolar, Delegacia da J.A.M. , Delegacia de Ordem Pública e Imprensa. Aldair Rosso, Agenor Zanette, Antônio Guglielmi, Antônio Milanez Netto, Antônio Pirola, Ervário Dembosky, João Maria Ramos (orador), João da Silva Machado, José Geraldo Matias, Luiz Antônio Justi, Renê Vicente Bez, Valter Marcos, Cecília Cesconeto, Dilma Andrade, Doratilda Leonice de Souza, Léia Santiago, Maria Madalena Soares, Nair de Lucca, Oneide Bitencourt e Roseli Althoff, foram os felizes formandos do Curso Normal [...]. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 11/10/1961).

Na descrição dessa formatura, podemos observar que havia um número superior de homens que concluíam o Curso Normal Regional. No ano de 1961, especificamente, foram diplomados doze homens e oito mulheres. Podemos inferir, então, que, à época, em Criciúma e região, na carreira de professor regionalista, não predominavam as mulheres. Sendo assim, essa relação numérica entre a presença feminina e masculina é algo que vai sofrer alteração com o chamado processo de feminização do magistério. No entanto, a partir da instalação da primeira Escola Normal que funcionou num colégio confessional, a primeira turma diplomada era eminentemente feminina.

Sobre a formação dos(as) professores(as), Giani Rabelo *et al.* (2005, p. 67) ressaltam que, a partir de 1946, a formação mínima exigida para os(as) professores(as) poderem atuar no Ensino Primário era o Curso Normal Regional completo, não havendo mais aceitação do Curso Complementar. Com esse propósito, por meio do Decreto-lei 8.530 – de 2 de janeiro de 1946, o Presidente da República cria a Lei Orgânica do Ensino Normal. Esse decreto foi gerado ainda no final do Estado Novo.

Sobre a reforma educacional, Paulo Ghiraldelli Júnior (1992, p. 85) afirma que:

As leis orgânicas do ensino constituíram-se numa série de decretos-leis que começaram a ser emitidos durante o Estado Novo e se completaram após o seu término. O Estado Novo durou de 1937 a 1945. Basicamente, as leis orgânicas, chamadas de Reforma Capanema, consubstanciaram-se em seis decretos-leis que ordenavam o ensino primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola.

Ainda discorrendo sobre a formação de Dona Laudelina para o exercício do magistério, posteriormente ela ingressou no Curso Normal em Tubarão, no Colégio São José (escola particular administrada por uma congregação religiosa feminina), concluindo-o em 1960. Depois, frequentou o Curso de Pedagogia, licenciando-se em Administração Escolar, na antiga Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC), atual Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), seguida de uma complementação que lhe deu direito a lecionar as disciplinas de Didática, Sociologia e Psicologia.

Ingressar no Colégio São José parece ter sido algo muito almejado, como podemos perceber em seu depoimento:

*(Laudelina): [...] eu pensava, um dia eu ainda vou vestir esse uniforme, vou receber o diploma. Era uma saia vermelha toda pregueada, uma gravata, uma blusa de manga comprida. O uniforme diário era um bem bananeira, sabe, o outro era muito bonito<sup>3</sup>.*

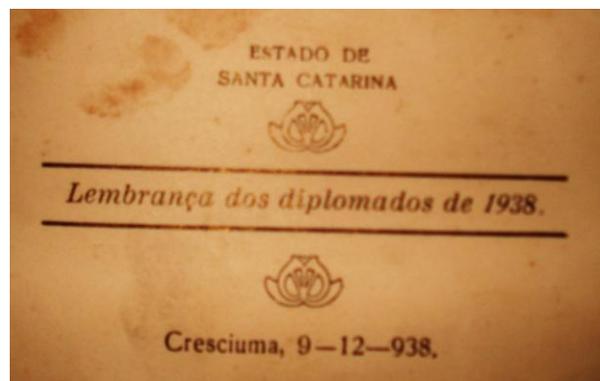
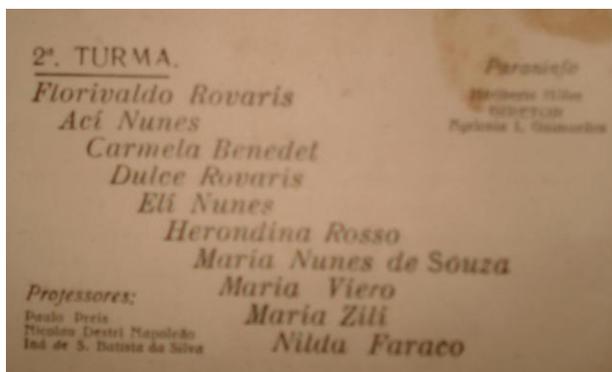
Ingressar na faculdade também fez parte dos seus sonhos. Ela começou o curso superior de Pedagogia quando já estava com quarenta e oito anos de idade. Além das responsabilidades domésticas, Dona Laudelina lecionava durante todo o dia, dava aulas particulares e estudava à noite, chegando em casa somente às vinte e três horas. Ela fez parte da segunda turma de formandos(as) do Curso de Pedagogia da antiga FESSC.

Quando Dona Laudelina saiu da escola, “acho que ficou a Dona Carmela. Porque a Dona Carmela se aposentou lá. Acho que ela deu aula com aquela irmã Broca e, se eu não me engano, a minha cunhada deu aula lá, a Salete Broca Denoni”, relata o Sr. Jovenil Zilli<sup>4</sup>.

O entrevistado mora em São Simão desde que nasceu. Quando começou a estudar na Escola Municipal Pe. José Francisco Bertero, tinha entre sete e oito anos de idade e sua professora foi a Dona Amábile Pavan. Ele nos disse que a Rosa Pavan (sua irmã) eventualmente também dava aula, embora não fosse professora da escola, pois substituí a Amábile, quando esta faltava. Falou que foi aluno da Hayde Napolini e, por último, da Dona Carmela Tereza Benedet Casagrande.

Dona Carmelina Cechinel Zilli, esposa de seu Jovenil, estudou na mesma época e turma que ele, e sobre suas professoras relata: “a minha primeira professora foi a Amábile e a última a Dona Carmela Casagrande”<sup>5</sup>.

Figura 1: Lembrança dos Diplomados de 1938 (frente e verso). Fonte: Arquivo pessoal de Clara Helena Rosso Giassi



<sup>3</sup> Laudelina Maria Denoni Magalhães, entrevista citada.

<sup>4</sup> Jovenil Zilli, entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso. Criciúma, 29/10/2004.

<sup>5</sup> Carmelina Cechinel Zilli, entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso. Criciúma, 29/10/2004.

---

Dona Carmela Tereza Benedet Casagrande era também complementarista, no início de sua carreira, e, como Dona Laudelina, ela se formou no Curso Normal Primário, conforme a Lembrança dos Diplomados de 1938. Ela fez parte da segunda turma, que tinha como professores(as) Paulo Preis, Nicolau Destri Napoleão e Iná de S. Batista da Silva.

Chama-nos atenção o pequeno número de professores(as) que lecionaram para esta turma, o que nos leva a inferir que os(as) mesmos(as) ministravam várias disciplinas. Também se destaca o fato de serem dois homens e apenas uma mulher. Importante perceber que esses dois professores não tiveram sua atuação profissional limitada ao magistério. Paulo Preis, como mencionado anteriormente, foi prefeito da cidade de Criciúma, e Nicolau Destri Napoleão, entre outros cargos, assumiu a direção da Escola Estadual Professor Lapagesse.

É sabido que algumas professoras e professores normalistas vinham de Florianópolis para atuar no Lapagesse. A escassez de professores(as) não se restringia ao Curso Normal Regional. Há indícios de que a mesma dificuldade era enfrentada no Curso Primário, que hoje corresponde aos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental.

Dona Laudelina, na entrevista comentou que, naquele tempo, havia tão poucos professores, que, quando ainda estavam terminando o Curso Normal Regional, correspondente ao antigo ginásial, já eram convidadas para serem professoras.

Dona Consuela Maria Brocca Kanarek<sup>6</sup>, mesmo antes de ter concluído o Curso Normal Regional, em torno de 1958, já lecionava na escola municipal Padre José Francisco Bertero, junto com outras colegas que também estudavam no mesmo estabelecimento, como Maria de Lourdes Henrique, Edite Casagrande e, um ano depois, Maria Inês Brocca e Nerci Henrique. Todas moravam no bairro São Simão e caminhavam quilômetros até chegar ao bairro São Cristóvão, onde funcionava o educandário. Lá elas estudavam durante a tarde. Um rapaz, que também estudava na mesma escola, as acompanhava.

Quanto ao fato de se tornarem professoras, mesmo antes de se tornarem normalistas, Dona Consuela tece uma crítica afirmando que a qualidade do ensino não devia ser muito boa, mas reconhece a escassez de professoras formadas naquela época, ao presumir que

(Consulela): eles [autoridades educacionais] catavam as pessoas para ir para escola, para ir dar aula. Tenho a impressão que na época não existia professor, pois não existe outra justificativa para estar estudando ginásio e dando aula<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso. Criciúma, 06/12/2004.

<sup>7</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

---

A formação escolar de Dona Consuela começou na própria escola, objeto deste estudo, na qual permaneceu durante todo o primário. Depois, foi para a Escola Estadual Humberto de Campos, onde cursou o quinto ano de admissão para o Curso Normal Regional. Ela afirma que só após sete anos é que retomou seus estudos, concluindo o Normal Regional no Lapagesse. Em seguida, ingressou no Colégio Normal Antônio Guglielme Sobrinho, fazendo parte da primeira turma de normalistas.

O Colégio Normal “Antônio Guglielme Sobrinho” foi criado pelo Decreto NSE 6.404 de 10/1/68, publicado no Diário Oficial n. 8.541 de 18/1/1968, de acordo com as informações encontradas no Livro-Ata do referido estabelecimento. No Termo de Abertura desse documento, datado de 10 de março de 1968, a primeira diretora da escola, Gertrudes Medeiros, registra que “servirá o presente livro para registro de portarias e decretos do Colégio Normal “Antônio Guglielme Sobrinho” do Bairro São Cristóvão (LIVRO ATA, 10/03/1968).

No início da década de 1970, o referido colégio foi absorvido pelo Conjunto Educacional Sebastião Toledo do Santos, conhecido por todos como “Colegião”, maior escola da Rede Pública Estadual de Criciúma e região. No momento oficial de sua criação, ainda não possuía instalações próprias, o que só veio a ocorrer em 1972, conforme informação obtida num dos noticiários locais da época:

A formação de professores foi o primeiro curso implantado no Colegião, mesmo quando a estrutura física não existia. No início da década de 70, ele funcionava no extinto Colégio Normal Antônio Guglielme Sobrinho, nas instalações dos colégios São Cristóvão e Humberto de Campos, até a instalação definitiva no Comerciário, em 1972, onde está até hoje. (JORNAL DA MANHÃ, 15/05/1998, p. 70).

Ao ser interrogada sobre as professoras que teve, quando cursava o primário na atual Escola Municipal Pe. José Francisco Bertero, Dona Consuela foi logo dizendo:

(Consulela): Lembro da Nair Denoni, lembro da Beatriz Fontana, e lembro-me da Alcinoê, que eu não sei o sobrenome dela. Também tinha uma que já morreu de problema de pulmão, não lembro o nome. Logo depois delas, chegaram à escola as professoras Nerci Henrique e Maria Inês Brocca. Essas são as que eu lembro<sup>8</sup>.

Dona Consuela relatou também que havia graus de parentesco entre as professoras que lá atuaram, dentre os quais, mencionou o fato de que sua irmã, Maria Salete Brocca Denoni, foi diretora da escola. Também comentou que a Maria Inês Brocca, que também foi professora lá, é sua prima.

---

<sup>8</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

---

Além dessas, disse que a Maria de Lourdes Henrique, que também foi professora, é sua cunhada. Lembrou-se ainda de que a Nerci e a Maria de Lourdes são irmãs.

Algo que chama atenção é o fato de que, assim como ocorreu com Dona Laudelina, também Dona Consuela, após vinte e sete anos de atuação docente, decide fazer o Curso de Pedagogia na antiga Fundação Educacional de Criciúma (Fucri), atual Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc).

Sua decisão em matricular-se no Curso de Pedagogia parece ter sido algo sem muito planejamento, como podemos perceber em suas palavras: “[...] eu estava ouvindo o rádio, e no rádio disse que era o último dia da inscrição do vestibular, e eu disse: ‘Vou fazer’. Aí ele [seu marido] disse: ‘Ah! então vamos’. Pegamos o carro, fomos lá e fizemos”<sup>9</sup>.

Dona Consuela enfrentou grandes dificuldades, pois, mesmo lecionando para a primeira série, encontrava-se afastada dos estudos. Parece ter ocorrido certo estranhamento em relação ao que ela deveria aprender nas disciplinas do curso. Seu depoimento evidencia as dificuldades enfrentadas na apreensão de novos conhecimentos, próprios da proposta vigente na época:

(Consuela): Aquilo que falavam na Unesc, eu não entendia nada, né? Foi assim uma pedagogia tão engraçada, porque eu só entendia o que passou no semestre quando chegava no outro semestre. A gente estudava, estudava, acordava de madrugada para estudar e não entendia nada. Porque eu sempre trabalhei com a primeira série. E primeira série não te exige leitura, não te exige nada disso. Na primeira série, tu dava o alfabeto e tinha a insistência, ficar ali: caderno em caderno, de aluno em aluno, então não exige assim como a quarta série: tem que estudar para dar matéria, te preparar. Primeira série, não. Então, quando eu fui para a Pedagogia, foi assim: Deus nos acuda! Não entendia nada o que elas falavam, nada! E quando chegava no outro semestre - eu entendia o que passou no semestre anterior. Fazia muito tempo que eu tinha parado de estudar<sup>10</sup>.

Dona Zuleide Maria Casagrande, filha de Dona Carmela, também foi professora na escola da Mina Brasil. Depois que se formou normalista é que começou a lecionar. Passados alguns anos de trabalho nesse estabelecimento, acabou assumindo a direção da escola. Em suas palavras: “Quando minha mãe saiu, ela deu a direção para mim”<sup>11</sup>.

Encontra-se aqui a ideia de “mentalidade de serviço” apontada por Atkison e Delamont (*apud* TARDIF, 2002). Eles notam que há um autorrecrutamento para o magistério, pois,

---

<sup>9</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

<sup>10</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

<sup>11</sup> Zuleide Casagrande Maria Casagrande, entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso. Criciúma, 10/11/2004.

---

[...] embora a experiência pessoal na escola seja significativa na escolha do magistério, ela seria menos importante do que o fato de ter parentes próximos na área de educação, o que refletiria um recrutamento ligado à tradição oral dessa ocupação, aos efeitos da socialização por antecipação, no ofício de professor, efeitos esses induzidos pela observação, em casa, do *hábitus* familiar e de um dos pais concentrado em tarefas ligadas ao ensino. (TARDIF, 2002, p. 76).

Também a Francisca<sup>12</sup>, que foi servente e merendeira na escola do São Simão, lembra ter trabalhado com Maria Salete Brocca, Consuela Brocca, Maria Luiza Dagostim, Lourdes Biff, Edite Casagrande, Nerci Henrique, Maria de Lourdes Henrique e Maria Inês Brocca, o que indica sintonia com as informações dadas pelos demais entrevistados.

Além das pessoas que puderam dar seus depoimentos, encontramos cópias de portarias e decretos expedidos pelos prefeitos municipais, entre 1963 a 1970, nomeando e exonerando professores e diretores. Tais documentos comprovam a atuação de várias pessoas, entrevistadas ou não, citadas ou não, que dedicaram parte de suas vidas à escola de São Simão. Dentre elas, temos registros de: Maria Osório Faraco, Sônia Porto Ferrão, Maria Salete Brocca Denoni, Maria Luiza Dagostin, Divany da Silva Martins, Marlene Serafim, Maria de Lourdes Biff Canarim, Osmarlina Luiz de Souza, Consuela Maria Arlindo Brocca, Ana Sônia Domingos Bessa, Maria de Lourdes Henrique, Maria de Freitas Vieira, Edite Casagrande, Nerci Henrique, Sônia Regina Amorin, Irene Koianaski, Silvia Maria Amador e Zoraide Broca.

Percebemos que as narrativas das histórias de vida profissional dos(as) professores(as) da escola municipal Padre José Francisco Bertero não são simples relatos de acontecimentos. O seu sentido é muito maior, pois permite uma postura reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, importantes para a própria formação da identidade desses professores. Percebemos, também, que a construção de uma história de vida profissional não se esgota em seu aspecto único e singular. Ela mantém uma relação profunda com os fatos e acontecimentos do coletivo e, por isso mesmo, encontra ressonância em outras histórias que perpassam e se tecem no social.

Essas narrativas das trajetórias profissionais não se apresentam como momentos idílicos, momentos de sonhos, em que sujeitos individuais, pelo simples ato de ouvir e falar as suas histórias, acabam por acreditar que, por si só, esse ato lhes asseguraria momentos formativos. Acreditamos que essas narrativas precisam constituir-se em espaços coletivos de socialização e de confronto, essenciais para um pensar reflexivo e para o compartilhamento das diferentes trajetórias. Falar, ouvir, refletir sobre suas trajetórias profissionais pode, em certo sentido, potencializar práticas de formação que

---

<sup>12</sup> Francisca Batista, entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso. Criciúma, 29/10/2004.

---

assegurem ao professor reconhecer-se além de um mero consumidor de informações repassadas a ele em cursos de formação.

Portanto, o professor é um sujeito que produz conhecimento no seu próprio fazer docente e na sua vivência pessoal, pois, ao falar sobre si e seu trabalho, o professor apropria-se de sua história e de uma parte importante de sua vida. Fazer história é perceber-se como atuante e capaz de participar do processo de transformação. Assim, tornar visíveis as histórias de vida das professoras significa reconstituir também a sua cultura, seu tempo, sua história, sua identidade.

### **PRÁTICAS E SABERES DA EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE**

A relevância de discutirmos a formação do/a professor/a, seus investimentos pessoais, no processo de desenvolvimento da trajetória profissional e na ressignificação de suas práticas pedagógicas, constitui-se em um eixo teórico e prático importante para que se construam novas referências, na perspectiva de situar o ofício pedagógico como uma atividade profissional.

Ao buscamos as trajetórias de vida dessas professoras, entendemos não ser somente uma narrativa de experiências vividas, mas, também, uma microrrelação social. Trabalhos autobiográficos e trajetórias de vida profissional dos professores vêm se colocando como uma, entre tantas outras alternativas para compreender o trabalho do professor e ajudar a formá-lo.

Conforme Arroyo (2000, p. 126),

Ser professora, ser professor, projeta uma determinada função social, e, mais do que isso, projeta ou concretiza uma determinada cosmovisão que está incorporada a esse ofício. A condição de vida está presente em nossas escolhas ou condiciona nossas escolhas. Não escolhemos a profissão que queremos, mas a possível. Essa condição está presente na socialização de toda nossa vida, sobretudo de nossa infância e juventude, na socialização das imagens profissionais e das posições que projetamos como possíveis.

Essa relação entre identificação com a atividade docente e as condicionantes possíveis foi apresentada por Dona Consuela, em sua entrevista. Embora tenha afirmado que ficou na educação por gostar e porque houve uma identificação com a atividade docente, ela acrescentou:

(Consulelo): Tive chance de trabalhar no Banco do Brasil e não quis. Também, porque naquela época era assim: lugar de mulher era dentro de casa, mas trabalhar com criança podia. Eu acho que sempre quis ser professora, porque a minha dedicação na escola sempre foi grande.

---

*Gostei muito de ser professora. Com certeza, gostava, porque, se eu não gostasse, eu não estava nessa profissão até hoje*<sup>13</sup>.

Dona Laudelina também disse que tinha vontade de ser professora desde a época em que estudava. Ela conta que, quando se aposentou, foi difícil, pois “de manhã eu não podia ver a claridade, tinha vontade de pegar a minha pasta e ir trabalhar”<sup>14</sup>. Já faz vinte e três anos que ela está aposentada. Ainda assim, declarou: “Se fosse para começar, eu começaria tudo de novo. Eu gostava muito, muito, de trabalhar, de ser professora”<sup>15</sup>.

A opção das mulheres pelo magistério, durante muito tempo, foi influenciada pela representação que a sociedade construiu sobre a profissão: ter um filho ou filha diplomada/o para o magistério era motivo de orgulho para os familiares. É o que mostra a fotografia de formatura de Haydee Napolini Del Prato, principalmente quando se tratava de famílias da elite local. Hayde era filha de Cincinato Napolini, que havia sido prefeito de Criciúma entre os anos de 1930 a 1933.

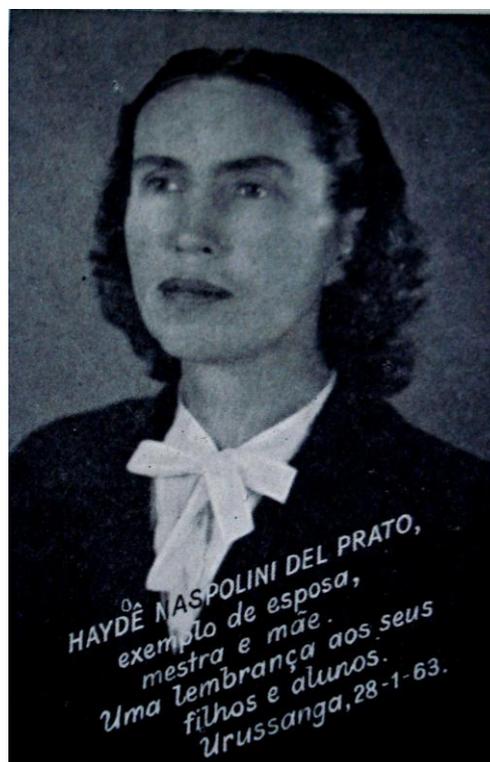


Figura 2: Hayde Napolini Del Prato. Fonte: Arquivo pessoal das irmãs Macolfá e Eliza Zilli Rovaris (falecidas)

A frase “[...] exemplo de esposa, mestra e mãe. Uma lembrança aos seus filhos e alunos. Urussanga, 28/01/63”, inscrita na fotografia de Hayde que foi distribuída para os mais próximos na

---

<sup>13</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

<sup>14</sup> Laudelina Maria Denoni Magalhães, entrevista citada.

<sup>15</sup> Laudelina Maria Denoni Magalhães, entrevista citada.

---

ocasião de seu falecimento, faz-nos pensar sobre o significado que o magistério tinha para a sociedade naquele momento histórico.

Com sua narrativa, Dona Laudelina deixa um legado para as futuras gerações, pois não deixou de elaborar uma nova representação de si e de sua história. Cumpriu, assim, a tarefa de testemunhar o exercício da nobre missão de educar, num momento em que o ofício de ensinar passava a ser majoritariamente feminino, em função do processo de urbanização e de industrialização que ampliara as oportunidades de trabalho para os homens. Os imigrantes e os setores médios da população faziam novas exigências, criavam novos hábitos e comportamentos, pressionando o poder público para ampliar as oportunidades educacionais.

Quando o professor conta a sua história, sistematiza ideias e reconstrói experiências. Assim, ele abre espaços para uma autoanálise e cria bases para uma compreensão da sua própria prática. Por meio do relato de sua história, o professor narra o seu percurso de vida e passa a retomar alguns sentidos dados ao longo dessa trajetória, e, logicamente, passa, também, a redefinir, a reorientar e, principalmente, a construir novos sentidos para essa história.

Nesse sentido, procuramos ter uma escuta mais sensível das narrativas dessas professoras sobre seus percursos formativos e suas experiências profissionais e de vida, pois as narrativas das histórias de vida pessoal e profissional remetem o sujeito para uma dimensão de autoestima de suas experiências e das aprendizagens construídas ao longo de suas trajetórias.

Conforme Nóvoa (1988, p. 116), “[...] as histórias de vida e o método autobiográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões de formação, acentuando a idéia que “ninguém forma ninguém, os homens se formam em sociedade”, e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida. Nóvoa também considera importante para a investigação educacional o trabalho com as memórias dos professores. Para o autor, o retorno ao sujeito não significa uma visão idealista, mas, ao contrário, a afirmação da subjetividade do conhecimento.

O professor detém nas mãos o processo de sua autoformação, embora nem sempre esteja consciente disso. Ele próprio é o primeiro responsável pelo seu desenvolvimento como pessoa e como profissional. Como aponta Rodrigues (1986, p. 6), “a educação é do tamanho da vida”, e a formação é um processo que não termina com o fim de um curso, mas se dá na continuidade da vida e da troca de experiências.

São as experiências e reflexões sobre essas experiências que dão sentido às ações dos professores. São os *saberes da experiência*, como diz Tardif, Lessard e Lahye, (1991, p.215), que

---

significam o conjunto de saberes adquiridos, atualizados e frequentemente requisitados no quadro da prática da profissão docente. São saberes práticos que “formam um conjunto de representações a partir das quais os docentes interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Constituem assim a cultura docente em ação.”

Com esse entendimento, passamos a expor o resultado de nossas análises, cujo objetivo principal foi dar maior visibilidade às percepções das(os) entrevistadas(os) sobre o ensino que receberam como alunas(os) e as(os) professoras/es que tiveram. Também procuramos evidenciar os saberes das experiências que as(os) ajudaram a darem respostas aos problemas concretos com que se deparavam no cotidiano da escola do bairro São Simão.

A professora Zuleide Maria Casagrande, filha da professora Carmela, avaliou sua mãe como professora, com muita admiração e respeito:

(Zuleide): Muito boa e muito exigente. Todos os alunos saíam catedráticos na mão dela. Não é que nem hoje, que tem aluno da oitava série que não sabe nem assinar o nome. Com ela, na quarta série primária, nós já éramos professoras. Aprendíamos desde o “aeiou” até álgebra. Ela ensinava Educação Moral e Cívica, canto, poesia, que hoje não existe mais. Ela tinha uma grande dedicação por esse tipo de cultura, música, artes. Ela era poliglota. Ensinou muito de civismo e até francês para nós<sup>16</sup>.

Nota-se, nas palavras de Zuleide, uma avaliação bastante positiva de sua mãe, Dona Carmela, principalmente pela preocupação em fornecer uma formação abrangente e integral aos seus alunos. Da mesma forma, ela aborda a diferença que vê entre os alunos da época, e o desinteresse e a falta de comprometimento com o processo de aprendizagem por parte dos alunos atuais.

Outra observação que podemos fazer a respeito do depoimento de Zuleide é sobre a imagem socialmente idealizada da professora Carmela: “[...] todos os alunos saíam catedráticos na mão dela”. A nosso ver, isso teria ocorrido porque essa entrevista traz, prioritariamente, uma formação discursiva que contém em sua memória uma imagem idealizada do fazer docente, colocando nesse fazer a possibilidade de apresentar soluções para diferentes problemas sociais, uma vez que, historicamente, estipula-se para a educação a função de “salvadora da pátria”. Sob essa ótica, a docência representaria um lugar de prestígio social e, portanto, um lugar de poder.

Naquele tempo, era comum as turmas serem mistas, ou seja, alunos de diferentes séries estudavam numa mesma sala de aula. Isso foi mencionado por todos os entrevistados, para os quais a questão não trazia grandes problemas. Como disse Dona Laudelina:

---

<sup>16</sup> Zuleide Casagrande, entrevista citada.

---

(Laudelina): De 1ª e 2ª série dava de trabalhar, e de 3ª e 4ª série também porque a gente aproveitava e fazia uma mistura. Os alunos da 3ª série prestavam atenção nos da 4ª e, assim, eles aprendiam também. Os da 4ª série que não sabiam muito bem, também aprendiam. Era assim. Hoje não dá mais, porque, naquela época, os alunos eram bem poucos<sup>17</sup>.

Ela também nota diferença em relação à disciplina, pois, em sua percepção, na época em que deu aula, os alunos respeitavam mais os professores. Dona Laudelina percebe que houve mudanças nos livros didáticos e na forma de ensinar. Ela nos disse, em seu depoimento, que “os livros são muito diferentes. Naquela época, por exemplo, na primeira série, a agente aprendia o *abc*, depois formava sílabas e depois as palavras. Hoje em dia é diferente. Os livros são diferentes, tem muito mais exercícios para as crianças”<sup>18</sup>.

Jovenil também fez menção à diferença no nível de ensino, atribuindo um juízo de valor inferior ao que recebeu, se comparado com o atual, como podemos observar em sua fala:

(Jovenil)Na época, o estudo era bem fraco. A cartilha era o 'b a ba'. Tinha que estudar aquilo. Era só o que tinha na época. Trabalho em casa não tinha como fazer porque só se escrevia na lousa. Na época, o estudo era muito simples. Era só estudar aquilo que ela dava<sup>19</sup>.

Dona Carmelina concordou com Jovenil e disse que, em sua época de estudante, “tinha poucas matérias, era mais simples, não tinha tanta matéria como hoje. Só tínhamos que prestar atenção. A matéria era continha, ler a cartilha, ler a tabuada e escrever na lousa”<sup>20</sup>.

Em sua atuação como professora do primeiro ano primário, a professora Consuela se lembra da figura do Inspetor de Ensino, que fazia a visita e elaborava uma ata. Um dos nomes que brotam de suas lembranças é o do senhor Alberto Schimidt.

Sobre a atuação do Inspetor, figura tão presente durante anos no ensino brasileiro, ela diz que, em sua época, o Inspetor olhava os cadernos de seus alunos e o plano de ensino, mas não comentava nada. Ela, por sua vez, também não fazia qualquer comentário, tampouco apresentava qualquer tipo de questionamento, relacionando esse silêncio ao golpe militar de 1964. Em suas palavras: “O golpe militar foi forte mesmo”<sup>21</sup>.

Se, de um lado, a professora Consuela se lembra com clareza desse período de opressão, por outro, também ficou marcado em sua memória um movimento que procurou fazer a ruptura com essa

---

<sup>17</sup> Laudelina Maria Denoni Magalhães, entrevista citada.

<sup>18</sup> Laudelina Maria Denoni Magalhães, entrevista citada.

<sup>19</sup> Jovenil Zilli, entrevista citada.

<sup>20</sup> Carmelina Cechinel Zilli, entrevista citada.

<sup>21</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

---

forma de ensinar e que, certamente, causou impactos em sua forma de conceber a escola, o aluno, a relação professor-aluno, a avaliação, a metodologia de ensino, entre outros tópicos.

A sua formação, pautada na ideia de que o professor era o centro do processo ensino-aprendizagem, vê-se ameaçada com a proposta de Educação Popular lançada no governo do prefeito José Augusto Hülse (1983-1988)<sup>22</sup>. Para ela, “educação, aquela situação de repressão na escola mudou, quando o Edson Rodrigues entrou na Prefeitura”<sup>23</sup>, no governo do referido prefeito. Mas a nova proposta causou um choque [...] <sup>24</sup>.

Observamos, na entrevista de Dona Consuela, a necessidade de registrar, reivindicar, propor, resistir, eternizar, enfim, a própria vida.

De diferentes ângulos e em tempos distintos, os entrevistados revelam como avaliaram as políticas educacionais, a escola, o ofício de ensinar, os significados atribuídos ao magistério na sua vida.

Nos relatos das vivências profissionais dessas professoras, também podemos observar a comparação do tempo passado com o presente, como uma necessidade de contextualizar historicamente, na perspectiva de construção do tempo presente. O prazer em revelar as vivências, de contextualizá-las na busca de reflexão e da crítica, de valorizá-las diante da elaboração do tempo presente, intenta construir o vivido, na perspectiva de esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafios epistemológicos do trabalho docente, aos quais as motivações de vida estão intimamente ligadas. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade: o eu. Dessa forma, lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir, com imagens e visões do presente, as experiências do passado. A construção do passado é relativa, é condicionada pelo presente. É o presente que aponta o que é importante e o que não é, portanto, um interpretar; é quando emergem os efeitos que se podem avaliar os acontecimentos.

Vemos nas entrevistas que, dadas as condições de produção de seu dizer, o sujeito professor silencia sentidos que ressaltariam o real, no qual seu papel se insere, para se refugiar numa realidade imaginária, mais condizente com as exigências sociais que simbolizam seu trabalho.

Importante registrar que é mais frequente ouvirmos pessoas, de forma nostálgica, super valorizarem o estudo que tiveram em relação ao atual, do que o contrário, como apareceu nesta pesquisa. Será que isso ocorreu por se tratar de professoras que, de certa forma, acompanharam a

---

<sup>22</sup> Esse assunto foi tratado no segundo artigo deste caderno.

<sup>23</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

<sup>24</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

---

inclusão de novos e mais complexos conteúdos nos currículos escolares, ao longo de sua trajetória na educação?

Se o ensino era considerado mais simples na época em que estudavam, a disciplina foi apontada pelos entrevistados como um problema da atualidade. Muitos, ao falar do passado, lembram exemplos de comportamento de alunos, o respeito com que tratavam os professores e o esforço em cumprir com as tarefas diárias. De alguma forma, todos os entrevistados deixaram transparecer essa mudança de comportamento dos alunos ao longo do tempo. Escolhemos duas falas que servem como dado empírico para apresentar essa análise. Francisca, que foi auxiliar de serviços gerais na escola, assim se manifestou: “Naquele tempo era diferente. O professor passava matéria no quadro, o aluno era obrigado a fazer. Não é igual a hoje em dia, que tem aluno que vai para aula e não quer fazer nada”<sup>25</sup>. Na mesma linha, a professora Consuela afirmou:

Acho errado muita coisa que o Conselho Tutelar faz hoje. Passam a mão na cabeça do aluno e o professor desacatado sai chorando de dentro da sala. Eu acho que essa psicologia tem que mudar. A escola não precisa bater como batia para manter a disciplina e o aluno aprender, nem os castigos de milho, mas hoje se abriu demais. Você precisa estar na escola para ver o que os alunos fazem, isso que é São Simão, um bairro calmo. Coisa de fazer o professor sair chorando de dentro da sala<sup>26</sup>.

As práticas na escola se impõem ao nosso olhar com tanto destaque que parecem ter existência própria. As formas físicas, as exigências e expectativas em relação aos alunos e as formas de fazer dos docentes são tão parecidas que se tornam a marca identitária da escola e dos professores. Como menciona Arroyo (2000, p. 152):

*(Consulela)A instituição escolar em sua história produziu uma identidade própria frente a outras instituições, como as famílias, as igrejas, as fábricas, o exército, porque conseguiu institucionalizar formas de fazeres repetitivos que lhes são próprios. Ao menos como uma marca própria. A instituição escolar e os profissionais dessa instituição se definem por esses produtos, essas práticas que [...] têm existência própria. Os discursos dos mestres variam com as ondas teóricas e ideológicas, entretanto as práticas escolares permanecem e imprimem uma marca de continuidade da instituição escolar.*

---

<sup>25</sup> Francisca Batista, entrevista citada.

<sup>26</sup> Consuela Maria Brocca Kanarek, entrevista citada.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a instituição escolar como os professores, como acabamos de ver por meio das entrevistas e pelas contribuições dos autores referenciados no texto, perpetuam sua identidade social, aí se formam ou deformam. Isso indica que, em alguma medida, no nosso ofício de professor, repetimos traços da profissão mais do que reinventamos, porque nossas tarefas acabam por ter que repetir os rituais perenes que dão identidade à escola e à função do professor.

Também podemos concluir, com base nos depoimentos dos nossos interlocutores e em alguns autores que fundamentam este estudo, que a ação dos professores são conduzidas por decisões pessoais, fundamentadas em razões indissociáveis de suas experiências de vida. Sendo assim, lógicas diversas e até contraditórias podem ser identificadas em suas falas, revelando que são sujeitos dinâmicos, em transformação, junto com o meio onde atuam. Também Tardif (2002, p. 61) contribui com essa ideia quando afirma que os saberes que servem de base para o ensino “não se limitam a conteúdos bem circunscritos que dependem de conhecimento especializado. Eles abrangem uma grande diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão todos relacionados com seu trabalho”.

Sendo assim, “a vida toda se mistura com a condição de professor(a). É um modo de vida, de dever-ser que tenciona todas as dimensões, tempos e vivências. E todas as lembranças”. (ARROYO, 2000, p. 129).

No entanto, como chama atenção Therrien (1997, p. 13): “O caráter individual, autônomo, dos saberes que fundam suas ações, manifestado particularmente pela lógica própria com que cada um articula suas atividades e suas decisões, não esconde, contudo, a referência ao grupo social ao qual pertencem”, o que demonstra que esse conjunto de ingredientes é que forma uma identidade profissional própria e, ao mesmo tempo, coletiva de trabalhadores da educação, neste caso, as professoras da escola municipal Padre José Francisco Bertero do bairro São Simão.

---

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- CRICIÚMA. *Resolução n. 188 da Secretaria Municipal de Administração*, 1943.
- \_\_\_\_\_. *Resolução de nomeação n. 148*. Prefeito Municipal de Criciúma, 29/04/1941.
- \_\_\_\_\_. *Resolução n. 173*. Prefeito Municipal de Criciúma, 21/05/1942.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 1992.
- JORNAL *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 11 dez. 1961.
- JORNAL *Tribuna do Dia*, Criciúma, 21 mai. 2002.
- JORNAL da Manhã, Criciúma, 15 mai. 1998.
- MIGNOT, Ana Chrystina V.; CUNHA, Maria Teresa S.C. (Orgs.). *Cultura, memória e currículo*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2003.
- NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.
- \_\_\_\_\_, FINGER, M. (Orgs.). *Método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Pentaedro, 1988.
- RABELO, Giani *et al.* *Escola Casemiro Stachurski: das aulas particulares comunitárias ao ensino público municipal*. Criciúma, SC: Unesc, 2003.
- RODRIGUES, Neidson. *Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo: Cortez, 1986.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão, veredas*. 1984.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria e Educação*, n. 4, p. 215-233, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TERRIEN, Jacques. A natureza reflexiva da prática docente: elementos da identidade profissional e do saber da experiência docente. *Educação em Debate*. Fortaleza, ano 19, n. 33, p. 5-13, 1997.

## ENTREVISTADOS

**Francisca Batista**, ex-servente da escola. Nasceu em 23/07/1933, na cidade de Tubarão (SC). Filha de Pedro Batista e Maria Elvira de Bona. Casada com Hilário José Apolinário da Silva (falecido). Entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso em 29/10/2004, em São Simão – Criciúma (SC).

**Laudelina Denoni Magalhães**, ex-professora e ex-aluna da escola. Nasceu em 29/03/1925, na cidade de Criciúma. Filha de Antônio Denoni e Joana Denoni. Casada com Euclides Magalhães (falecido). Entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso em 12/11/2004, em Criciúma (SC).

**Consuela Maria Brocca Kanarek**, ex-professora. Nasceu em 03/05/1947, na cidade de Orleans (SC). Filha de Arlindo José Brocca e Iraci Firmínio Medeiros Brocca. Casada com Iriomar Kanareck. Entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso em 06/12/2004, em São Simão – Criciúma (SC).

**Jovenil Zilli**, ex-aluno. Nasceu em 06/12/1931, na cidade de Urussanga. Filho de Abramo Zilli e Irene da Soler Zilli. Casado com Carmelina Cechinel Zilli. Entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso em 29/10/2004, em São Simão – Criciúma (SC).

**Carmelina Cechinel Zilli**, ex-aluna. Nasceu em 28/04/1930, na cidade de Urussanga. Casada com Jovenil Zilli. Entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso em 29/10/2004, em São Simão – Criciúma (SC).

---

**Zuleide Maria Casagrande**, ex-professora e filha de ex-professora. Nasceu em 31/03/1946, na cidade de Criciúma. Filha de Antônio Casagrande e Carmela Thereza Benedet Casagrande (falecida em 25/03/1998). Casada com Neroaldo Marcelino. Entrevista concedida a Tatiane dos Santos Virtuoso em 10/11/2004, em Criciúma (SC).

## **FORMATION, EDUCATIONAL PRACTICES AND CONSTITUTION OF THE TEACHING IDENTITY: MEMORIES AND VESTIGES OF A PUBLIC SCHOOL TEACHERS**

### **ABSTRACT**

This article presents and quests the trajectories of the first teachers from a municipal school, detaching the formation (graduation) in mastership, as well as the perception related to the teaching, the students and knowledge obtained from the teaching experience, connecting such perceptions to an elaboration of the identity of these teachers. This study raised from the researchers' affords from the GRUPEHME in order to the elaboration of the fourth number from the sequence *Cadernos da História da Educação da Rede Municipal* (Educational History Notebooks of the Municipal Net). This is a historical rebuilding of the *Escola Municipal de Ensino Fundamental "Padre José Francisco Bertero"* (Municipal Elementary School Teaching "Padre José Francisco Bertero"), located in São Simão district, in Criciúma city (SC), that had its educational activities initiated in 1933. Among the vestiges found to the reconstruction of the history of the institution there were some preserved ones in the school as well as the evoked in memories of those who participated of the history of the institution, including a domestic servant and three teachers. The studies showed that the school institution and teachers contribute in perpetuating a condition and also a teaching identity. Somehow in our work as teachers, we repeat features of the profession, much more than to recreate, because our tasks are supposed to repeat perennial rites which give identification to school and the function of teacher. We can also conclude that many of the teachers' actions are conducted by personal decisions based on reasons not detachable of their real experiences that give sense to their lives and profession.

**Keywords:** Teacher education, educational practices, teacher identity.

*Recebido em novembro de 2010*

*Aprovado em fevereiro de 2011*